

Sobre teoria e método em semântica da enunciação

On theory and method in enunciation semantics

Sur la théorie et la méthode en sémantique d'énonciation

DOI 10.20396/lil.v26i51.8671816

Eduardo Guimarães¹
IEL/LABEUB - UNICAMP
UNEMAT – CNPq

Resumo

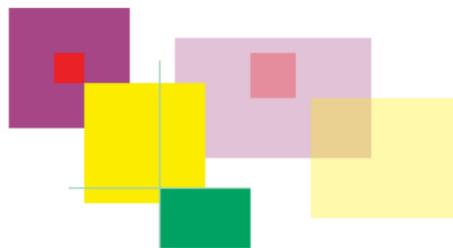
O objetivo deste texto será apresentar a constituição do que tenho chamado semântica do acontecimento enquanto uma semântica da enunciação. O percurso central do texto será, partindo do conceito de espaço de enunciação, decisivo nessa configuração da semântica, tratar de conceitos metodológicos como cena enunciativa, e de conceitos descritivos como articulação e reescrituração. Deste modo espera-se mostrar as eventuais relações e diferenças com domínios como os das pragmáticas, por exemplo. Teoricamente considera-se que a constituição do sentido é enunciativa, produzida pelas relações políticas dos espaços de enunciação e da cena enunciativa. É nestas condições que tomamos o funcionamento da língua, tal como Benveniste, como o que caracteriza a enunciação, mas tomamos esta característica no quadro teórico em que nos movimentamos, tratando assim o funcionamento como um agenciamento produzido pelo acontecimento.

Palavras-chave: Semântica da Enunciação, Método, Espaço de Enunciação, Cena Enunciativa, Articulação, Reescrituração.

Abstract

The objective of this text will be to present the constitution of what I have called the semantics of the event as a semantics of enunciation. The central course of the text will be, starting from the concept of enunciation space, which is decisive in this semantic configuration, dealing with methodological concepts such as the enunciative scene, and with descriptive concepts such as articulation and rewriting. In this way, it is expected to show the possible relationships and differences with domains such as pragmatics, for example. Theoretically, it is considered that the constitution of meaning is enunciative, produced by the political relations of the spaces of enunciation and the enunciative scene. It is under these conditions that we take the functioning of language, such as Benveniste, as what

1 Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Professor Visitante da Universidade do Estado de Mato Grosso.



characterizes the enunciation, but we take this characteristic in the theoretical framework in which we move, thus treating the functioning as an assemblage produced by the event.

Keywords: Semantics of Enunciation, Method, Enunciation Space, Enunciative Scene, Articulation, Rewriting.

Sommaire

L'objectif de ce texte sera de présenter la constitution de ce que j'ai appelé la sémantique de l'événement comme sémantique de l'énonciation. Le cours central du texte sera, à partir du concept d'espace d'énonciation, décisif dans cette configuration sémantique, analyser des concepts méthodologiques comme scène énonciative, et de concepts descriptifs comme articulation et réécriture. De cette manière, il est attendu de montrer les relations et les différences possibles avec des domaines tels que la pragmatique, par exemple. Théoriquement, on considère que la constitution du sens est énonciative, produite par les relations politiques des espaces d'énonciation et de la scène énonciative. C'est dans ces conditions que nous prenons le fonctionnement du langage, tel Benveniste, comme ce qui caractérise l'énonciation, mais nous prenons cette caractéristique dans le cadre théorique dans lequel nous nous déplaçons, traitant ainsi le fonctionnement comme un agencement produit par l'événement.

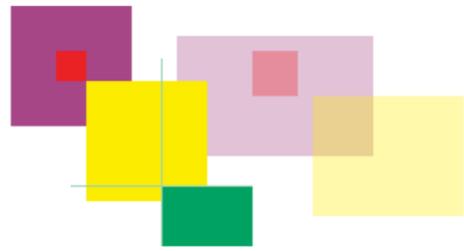
Mots clés: Sémantique de l'Énonciation, Méthode, Espace d'Énonciation, Scène Énonciative, Articulation, Réécriture.

Introdução

Logo no início de seu *O Novo Espírito Científico* Bachelard (1934)² nos diz:

“Todo homem, em seu esforço de cultura científica, apoia-se não sobre uma, mas antes sobre duas metafísicas e que estas duas metafísicas naturais e convincentes, implícitas e tenazes, são contraditórias. Para lhes dar rapidamente um nome provisório, designemos estas duas atitudes filosóficas fundamentais, tranquilamente associadas num espírito científico moderno, sob as etiquetas clássicas de racionalismo e realismo” (Bachelard, 1934, p. 11).

2 A primeira edição é de 1934.



O interesse dessa colocação de Bachelard está em que ela põe em cena, mesmo para as ciências formais, a impossibilidade da ciência se ela não inclui algum modo de considerar o “mundo exterior”.

Do nosso ponto de vista, no campo das ciências humanas, há vários modos de praticar este movimento entre uma teorização e a análise dos fatos ou acontecimentos, e para os quais, isto que Bachelard chamou “mundo exterior”, é decisivo.

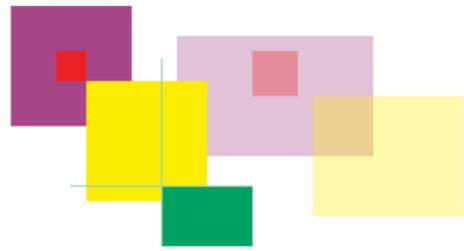
Para o conjunto das ciências em geral e das ciências humanas de modo específico, o método, os procedimentos para a produção de conhecimento, não é único e assim não há um método particular que defina a ciência. Todo método corresponde a uma posição teórica. É esta relação que caracteriza, junto com o objeto de conhecimento, o domínio científico na produção de conhecimento. Da mesma maneira, como sabemos, as categorias de análise e descrição têm a ver com a posição teórica, os procedimentos de análise e o objeto.

Meu objetivo será hoje apresentar e ressaltar o que configura o que tenho chamado semântica do acontecimento enquanto uma semântica da enunciação³. E apresentá-la a partir do que se pode fazer com seus conceitos e categorias relativamente a seu objeto.

Para esta posição considera-se, teoricamente, que a constituição do sentido é enunciativa, ou seja, é constituída pelo *acontecimento da enunciação*. Este acontecimento se apresenta por uma temporalidade própria que significa no que se diz. O acontecimento da enunciação se dá nos espaços de enunciação e agenciam o falante a enunciar dos lugares de enunciação que constituem a cena enunciativa e assim a relação de alocação de um lado e a relação com o que se diz, e como, de outro. Nesta medida esta posição se afasta das posições pragmáticas, utilitaristas, e, por outro lado, se distingue das posições de Benveniste, mesmo que sua posição seja decisiva para a semântica da enunciação.

Na relação teoria e “método” consideramos que os acontecimentos de enunciação são produzidos pelas relações políticas dos *espaços de enunciação* e da *cena enunciativa*. No plano metodológico consideramos que a unidade de análise é o enunciado, tal como o definimos: unidade com consistência interna e independência relativamente ao texto em que

3 Isto pode ser encontrado em Guimarães (1987, 2002, 2009, 2018), entre outros textos.

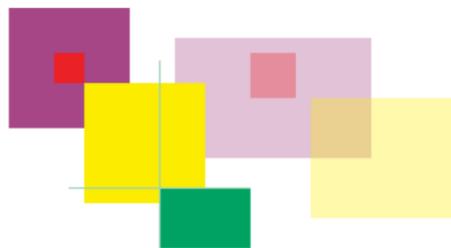


se integra. As análises são realizadas sobre os modos de funcionamento dos enunciados, enquanto unidades integradas aos textos.

Dada a perspectiva na qual me coloquei para este texto, começo trazendo uma noção decisiva para os procedimentos de análise, o conceito de recorte. A análise dos enunciados se dá a partir de recortes de textos específicos que são, segundo Orlandi (1983, 14) Fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Deste ponto de vista, um recorte é um fragmento da situação discursiva. A partir desta posição, e levando em conta a configuração do acontecimento enunciativo, defino o recorte “um fragmento do acontecimento da enunciação”.

Em virtude da configuração da semântica enunciativa, a análise dos enunciados não pode ser feita a partir de enunciados criados pelo analista, mas também, pela configuração teórica desta semântica, não se trata de constituir um corpus homogêneo e empiricamente, para analisá-lo. O acontecimento não se caracteriza por ser um fato no tempo, num certo lugar, mas por constituir uma temporalidade de sentidos (um passado, um presente, e um futuro). O corpus deve se constituir, assim, por textos nos quais tenhamos a condição de encontrar enunciados relevantes para os objetivos da análise. Por isso considero, como procedimento de análise, o que chamo de procedimento de sondagem, que estabelece seu corpus por uma escolha segundo a relevância referida logo acima. E neste corpus é preciso encontrar os enunciados pertinentes aos objetivos propostos para analisá-los, de modo a poder relacionar as análises feitas no conjunto dos textos.

As categorias gerais de descrição e análise são a articulação e a reescrituração. No plano das práticas de análise estas categorias operam relativamente às duas características reconhecidas no enunciado, consistência interna e independência relativa ao texto. A questão da consistência interna tem como instrumento de análise o estudo da *articulação* de elementos (uma combinatória), e a questão da independência relativa tem como instrumento o estudo da *reescrituração*, tal como tenho tratado em Guimarães (2002, 2007, 2018, etc). Ela diz respeito a como as expressões linguísticas, em um texto, retomam outras.



1. Espaço de Enunciação: novas perspectivas para a análise do funcionamento das línguas

O objetivo teórico metodológico é o de analisar o modo de organização das línguas e de seu funcionamento enunciativo. Tomamos uma língua como um conjunto de sistematicidades de formas de linguagem e seus modos de funcionamento. Em contrapartida a enunciação é o funcionamento da língua (não se trata, como bem considerou Benveniste, do funcionamento das formas da língua). O central para esta posição é que dizer é enunciar produzindo o funcionamento das línguas.

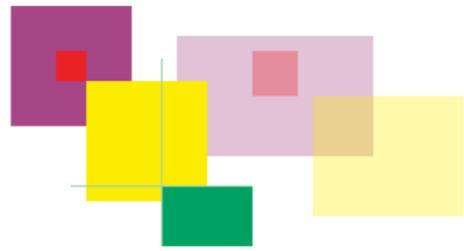
Nas relações teórico-metodológicas, é de fundamental importância para mim o conceito de espaço de enunciação, definido em Guimarães (2002, p. 18):

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. (GUIMARÃES, 2002, p. 18)

Com este conceito coloca-se a questão das línguas não como sistemas de formas linguísticas ou uma prática cultural que se distingue de outra em outra sociedade, mas como uma prática simbólica que identifica aqueles que, com ela, enunciam, e nesta medida traz para a reflexão o caráter constitutivamente político⁴ das relações das línguas e delas com seus falantes. Estas relações das línguas produzem historicamente desigualdades que se instalam por seu próprio modo de funcionar.

4 Considero o político no sentido em que utilizei este termo em Guimarães (2002). Este modo de tratar o político vem da formulação que lhe dá Orlandi (1990). O político é definido como “relação de confronto” (p. 35). Esta concepção recebe mais especificações pela consideração do silêncio como fundamento do sentido. Segundo ela “o silêncio fundador não recorta: ele significa em si. E é ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que “não-dizer” faz sentido e faz sentido determinado. É o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política” (p. 51).

Por outro lado, considero a formulação de Rancière (1995) que define a política como “desentendimento”. A análise de Rancière me possibilitou um modo de apresentar a questão formulando-a nos termos de uma abordagem enunciativa. E faço isso mantendo o sentido do político como confronto. Foi nesta perspectiva que disse (GUIMARÃES, 2002, p. 12) que o político é a contradição que instala o conflito no centro do dizer.



Dada esta configuração do espaço de enunciação, não se escolhe ser falante desta ou daquela língua, há um agenciamento pelo qual se é tomado como falante em virtude das relações das línguas do espaço de enunciação específico.

O funcionamento das línguas se dá segundo um espaço de relações de línguas e falantes destas línguas. Nesta medida, ao refletir sobre estes espaços, podemos considerar que a distribuição das línguas para seus falantes é desigual. Este conceito abre uma nova abordagem para os funcionamentos linguísticos ao dar atenção a relações próprias do que consideramos o caráter político dos espaços de enunciação. Vejamos como, levando-o em consideração, podemos refletir sobre um recorte como:

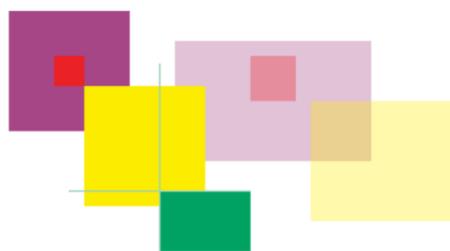
- (1.1) o que mais crêm e de que lhes nasce muito mal é que em alguns tempos alguns de seus feiticeiros, que chamam Pajés, inventam uns bailes e cantares novos, de que êstes índios são mui amigos.... cada um destes feiticeiros (a que também chamam santidade) busca uma invenção com que lhe parece que ganhará mais...Outros dizem que as velhas se hão de tornar moças para isso fazem lavatorios de algumas erva com que lavam.... (ANCHIETA, 1584, p. 331)

- (1.2) Todas estas invenções (*feiticeiros* e suas práticas) por um vocábulo geral chamam *caraíba*, que quer dizer como cousa santa, ou sobrenatural; e por esta causa puseram este nome aos portugueses, logo quando vieram, tendo-os por cousa grande, como do outro mundo, por virem de tão longe por cima das águas.”(“Informação do Brasil e de suas Capitanias (1584)” (ANCHIETA, 1584), p. 332)

Observe-se que *feiticeiros* é reescriturado⁵ por *caraíbas*, e nesta medida, em virtude da reciprocidade da relação de reescrituração, *Caraíbas* é reescriturado por *feiticeiros*. Por outro lado, A *Caraíbas* é Reescriturado por substituição anafórica pelo *que*.

Este *que* é reescriturado por definição (expansão) por *quer dizer cousa santa, ou sobrenatural*.

5 Mais à frente apresentaremos com mais detalhe as categorias descritivas de articulação e reescrituração.



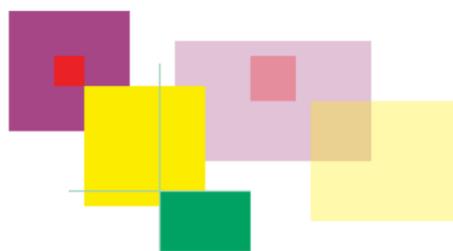
Então *feiticeiros* reescritura *caraíba* por sinonímia, assim como *caraíba* reescritura *feiticeiros* (*Caraíbas* são *feiticeiros*). Em contrapartida, pela reescrituração por definição, *caraíba*, enquanto nome dado aos *portugueses*, os define *como cousa grande*, que é a definição no recorte para *caraíba*.

Podemos, agora, observar alguns elementos da articulação no enunciado, fazendo atenção na sequência *alguns de seus feiticeiros, que chamam pajés*. Isto nos permite observar a alocação na cena enunciativa. Como todo recorte considerado, esta sequência é enunciada do lugar social do colonizador (alocutor-colonizador). E o que se enuncia é apresentado como uma verdade, como uma descrição destas personagens da cultura indígena. Isto é enunciado de um lugar de dizer universal (E-universal). No entanto, ao mesmo tempo, a sequência traz, em discurso relatado, um lugar de dizer indígena (al-indígena) que enuncia *pa'ie* (*pajé* dito já em português). Ou seja, há enunciações da língua indígena enunciadas na enunciação de Anchieta. E assim as palavras da língua indígena, enunciadas pelos indígenas, e retomadas por ele, são predicadas por *feiticeiro*, uma palavra das línguas europeias, no caso a língua portuguesa. Um aspecto a considerar ainda é que esta apresentação em discurso relatado se dá também pela articulação da passagem, mais à frente *por um vocábulo geral chamam caraíba*.

Tomados estes dois recortes correlacionados e próximos em um texto de Anchieta, e pela breve descrição acima, podemos considerar: a) a palavra *kara'iuá* era uma palavra do Tupi que se tornou uma palavra em português (*caraíba*), o próprio texto de Anchieta a traz em português; b) há uma relação de reescrituração no texto envolvendo *pajés*, *feiticeiros*, *caraíba*; c) Está atestada aí uma relação das línguas envolvidas, o português e o tupi (Anchieta apresenta a palavra *caraíba* como se fosse *kara'iuá*⁶; e d) fica também significado um modo de distribuição das línguas.

Pelo que se diz no recorte, o português é a língua com a qual se pode explicar o Tupi: por exemplo, segundo os recortes acima *pa'ie* e *kara'iuá* são sinônimos em tupi, segundo uma sinonímia estabelecida entre *pajé* e *caraíba*. Ou seja, o tupi e seus falantes são significados pela língua portuguesa e seus falantes. Tomar estes recortes do texto de Anchieta é um modo de caracterizar, segundo o processo de colonização, o espaço de enunciação no Brasil

6 Segundo o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (Cunha, A.G da, 1978).



colônia. Pelo que aí observamos, a língua portuguesa e seus falantes têm, naquele momento, um lugar predominante na relação com o tupi e seus falantes. É enquanto falante da línguax

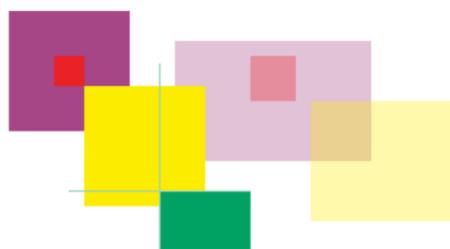
E neste caso é preciso ter o cuidado de considerar que não se pode tomar o que ele diz como o que é o sentido da designação de *caráiba*, por exemplo, mas que na medida em que o texto apresenta este modo de descrever a outra língua, é possível considerar o modo de dominação da língua portuguesa relativamente ao Tupi no processo de colonização, que resultou no modo como se distribuem as línguas no Brasil de hoje. Ou seja, naquele momento da colonização, a língua portuguesa, já língua oficial na província⁷, toma uma palavra da língua tupi e diz, por uma palavra do português, o que ela significa: *Kara'iuá* (tupi) é sinônimo de *feiticeiro* (português), significando a incapacidade dos falantes de tupi em dizer o que significam suas palavras e ao mesmo tempo os identificando por uma designação europeia. Isto é próprio da distribuição das línguas no espaço de enunciação daquele momento. A consideração do texto de Anchieta como de um certo espaço de enunciação dá a condição de se considerar que portugueses e indígenas não têm o mesmo estatuto de falantes naquele momento, há uma desigualdade constituída pelo espaço de enunciação, naquela conjuntura histórica.

Esta distribuição desigual das línguas para os falantes pelo espaço de enunciação produz uma partilha do sensível ao identificarem os indivíduos no modo como são tomados pelas línguas (uma palavra europeia, *feiticeiros*), e tornam-se seus falantes e são assim identificados (segundo o que está no recorte, os pajés são feiticeiros).

2.Cena Enunciativa: um Embate Particular

Um outro conceito metodológico constitui modos de configuração do acontecimento de enunciação, o de cena enunciativa. Com este conceito damos um lugar particular à configuração da não unicidade da figura que enuncia. A relação de alocação se constitui por um agenciamento dos falantes a falar de específicos certos lugares no acontecimento. A alocação se caracteriza, não como relações entre pessoas em turnos de conversação, por exemplo, mesmo que se apresente em cada acontecimento de enunciação. Não se trata simplesmente de uma divisão do sujeito, é uma divisão produzida porque não há alguém que

7 Sobre isso ver Guimarães (2014)



escolhe falar, somos todos agenciados a falar⁸. E assim falamos sempre na relação com o que se falou, se fala, se falará (isto é o próprio da temporalidade do acontecimento). Deleuze e Guattari (1980, p.13) dizem algo nesta direção ao afirmarem que “todo discurso é indireto”.

Os falantes enquanto constituídos pelas relações dos espaços de enunciação, são agenciados a dizer, a enunciar. Este agenciamento constitui a cena enunciativa. O agenciamento próprio da cena enunciativa constitui as relações entre quem diz e para quem se diz, e quem diz e o que se diz. O que configura os lugares de Locutor e Locutário (L – LT); alocutor e alocutário (al-x – at-y; (Enunciador (E), cuja relação é com o que se fala e como.

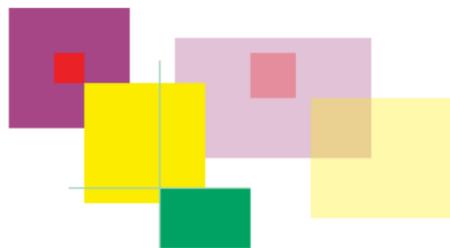
Os lugares enunciativos “são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer (o que não significa que as pessoas não vivam também de suas intenções, mesmo que produzidas historicamente). Analisar a constituição da cena enunciativa é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares de enunciação pelo funcionamento da língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 23)

Tal como já disse, a cena enunciativa

se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas lingüísticas

Nesta medida as cenas enunciativas “são especificações locais nos espaços de enunciação” e são um espaço particularizado de agenciamento do falante em locutor que distribui os lugares de enunciação no acontecimento. Vejamos como a consideração desta divisão da cena pode produzir análises específicas.

8 Lembro aqui algumas formulações que estão na história das análises da unicidade ou não de um sujeito da enunciação. Bréal fala de uma divisão pela qual “somos ao mesmo tempo espectador interessado e autor dos acontecimentos” (Bréal, 1897, p. 157). Bally (1932, p. 36) distingue o sujeito pensante (do dictum) do sujeito modal (da modalidade). Em Ducrot (1984) o conceito de polifonia, que retoma de Bakhtin, localizando-o no enunciado e não no texto, procura configurar a enunciação como um acontecimento em que “falamos” figuras diferentes, não sendo, portanto, uma. Do ponto de vista do conceito de cena enunciativa (Guimarães, 2002, 2018, por exemplo), o que se coloca é que o que se tem, para esta posição, é uma divisão do falante pelo agenciamento do acontecimento da enunciação.



Consideremos esta questão por uma breve operação de análise. Tomemos o recorte (2), início de uma carta⁹ de um escravo enviada a seu proprietário em 1786.

(2) Meu Senhor, nós queremos pás e não queremos guerra: Seu meu senhor também quiser nossa pás há de ser nesta conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos a saber.

Há um falante do português que diz, marcado, em certa medida por sua relação com línguas africanas. O falante é agenciado como aquele que diz, o *Locutor*, que fala a um *Locutário*, também falante de português, mas não na mesma medida do escravo. Por outro lado, há um enunciado vocativo inicial que incide sobre os demais enunciados do recorte. Este vocativo significa uma relação entre um *eu* que diz e um *tu* enquanto seu Senhor, reconhecido pelo *eu* como seu Senhor. Assim temos uma divisão interna na cena, trata-se de um lugar social de dizer (alocutor), o falante fala do lugar de escravo para seu Senhor. Temos, então, na alocução, um alocutor-escravo e um alocutário-Senhor. Estar neste lugar de alocutor-escravo não é uma escolha, é uma contingência histórica que agencia alguém naquelas condições a falar deste lugar. Um terceiro aspecto a considerar é que este recorte traz um lugar que relaciona o que diz com aquilo sobre que se diz. Trata-se da sustentação de uma posição a respeito de uma paralisação do trabalho dos escravos. Este enunciado que inicia o recorte, coloca as condições, de modo geral, para se voltar ao trabalho. Este lugar de enunciação é o que chamamos enunciador, que se relaciona com aquilo que se diz no acontecimento, com o modo como se diz o que se diz no acontecimento. É um lugar de dizer que se apresenta como “indiferente” às condições históricas do dizer, como se a relação fosse somente uma relação a respeito de. Assim, para este caso a cena enunciativa seria:

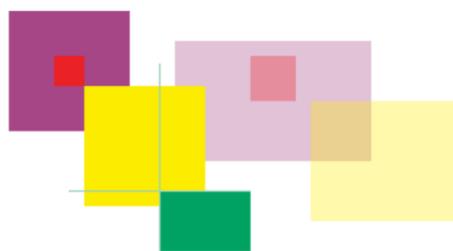
Locutor-----Locutário

Alocutor-escravo -----alocutário-Senhor

Enunciador -----reivindicação sobre condições de trabalho

O importante é que a análise da cena enunciativa traz à compreensão como aquilo que se mostra como uno e motivo de uma intenção, conseguir melhorias nas condições de

9 Documento disponível em Brasil, 500 Anos em Documentos (Alves Filho, I., 1999).



trabalho, é um agenciamento pelo qual o acontecimento toma o falante pelo lugar social (o de escravo) em que ele está dizendo o que se diz. Este lugar não é da escolha individual do falante, este lugar é o modo como este falante é tomado pelo acontecimento. O acontecimento significa por uma temporalidade se sentidos (um passado, um presente um futuro)¹⁰. No que segue, voltaremos a ver o lugar da consideração da cena enunciativa na análise semântica. Interessa ressaltar que esta é uma análise não pragmática, e assim coloca a configuração do lugar de alocutor como mais um aspecto do funcionamento histórico político da linguagem.

3. Sobre Procedimentos de Enunciação e Análise

A análise do funcionamento linguístico, para a semântica do acontecimento (semântica da enunciação), considera, como já dissemos, como fato a analisar, enunciados tomados enquanto unidades independentes que integram texto, e que devem ser considerados a partir de recortes de textos, pelo procedimento de sondagem. Assim analisar enunciados de textos é analisar não segmentos linguísticos simplesmente, mas fragmentos do acontecimento de enunciação¹¹.

As categorias de descrição (articulação e reescrituração) consideram na descrição os aspectos que dizem respeito ao modo de funcionamento do enunciado: seu modo de organização e sua consistência interna; assim como a relação de seus elementos ao texto e, nesta medida, sua relação transversal aos outros elementos do texto.

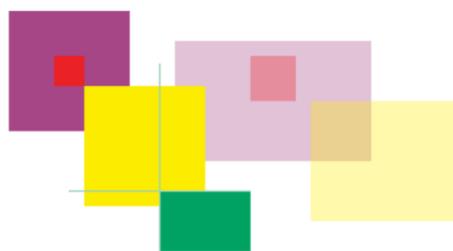
Para refletir sobre o alcance destas categorias e o sentido da descrição que produzem, comecemos por tomar dois recortes, (2)¹² e (3);

(3) “Meu Senhor, nós queremos pás e não queremos guerra: Seu meu senhor também quiser nossa pás há de ser nesta conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos a saber”.

10 Guimarães (2002).

11 Nos termos já indicados antes, valendo-me da definição de Orlandi (1983)

12 Ambos da carta de um escravo ao Senhor em documento que pode ser encontrado em Brasil, 500 anos de documentos (ALVES FILHO, 1999).



(4) “quero falar com meus Irmãos o que meu spirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu Irmão Gonçalo Alvarez , a quem Deus deu graça e talento pera *ser trombeta de sua palavra* na Capitania do Spiritu Sancto, e com meu Irmão Matheus Nogueira, *ferreiro de Jesu Christo*”(Nóbrega, *Diálogo*, 1, p. 143)¹³. (Grifamos).

Consideremos as seguintes possíveis paráfrases para elementos de enunciados dos recortes (1) e (2):

(2a.) Meu Senhor, ou seja, nós queremos paz e não queremos guerra (?)

(2b.) Meu senhor é nós queremos paz e não queremos guerra(?)

(3a.) Meu Irmão Matheus Nogueira, ou seja, o ferreiro de Jesu Chisto

(3b.) Meu Irmão Matheus Nogueira é Ferreiro de Jesu Christo

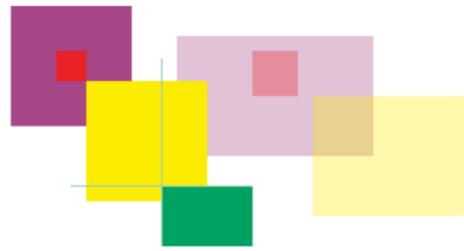
As duas primeiras tentativas de paráfrase não fazem sentido no texto do qual se tomou o recorte. Já as paráfrases (3a.) e (3b.) fazem sentido. Isto mostra uma diferença entre o funcionamento de *Ferreiro de Jesus Cristo*, que retoma e atribui sentido a *meu irmão Mateus Nogueira*, e o funcionamento de *Meu Senhor*, que tem um outro tipo de relação com o enunciado a que se relaciona.

Aos dois segmentos linguísticos aqui sendo descritos, podemos considerar um como vocativo, *Meu senhor* em (2), e outro como aposto, *Ferreiro de Jesus Cristo*, em (3). Esta diferença se constitui por dois modos de relação: uma articulação, no primeiro caso, e uma reescrituração no segundo. Para melhor caracterizar a questão retomemos as definições para articulação e reescrituração¹⁴.

A “articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação”. Ou seja, ela é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento. *Meu senhor* funciona aí pela relação de contiguidade com o enunciado que o segue (*nós queremos paz e não queremos guerra*).

13 Utilizo o texto editado por João Adolfo Hansen (2010).

14 Guimarães (2002, 2018).



A *reescrituração* é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. *Ferreiro de Jesus Cristo* funciona como uma retomada de *Meu irmão Mateus Nogueira*.

Estes são dois modos de funcionamento que constituem sentidos a partir de suas especificidades.

Podemos ver que, se consideramos o recorte (4)

(4) *Gonçalo Alvarez*: – Disso, Irmão, estais seguro que vós não perdeis nada; se Christo promete por hum pucaro de agua fria, dado por seu amor o reino dos ceos, como hé possível que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigília, e a paga de tanta ferramenta como fazeis? As vossas foces, machados, muito boons são para roçar-des a mata de vossos peccados, na qual o Espiritu Sancto prantará muitas graças e does seus, se por seu amor trabalhaes (NÓBREGA, *Diálogo*, p. 146)

Encontramos uma semelhança de funcionamento entre *meu senhor* em (2) e *irmão* em (4). Consideremos as seguintes possíveis paráfrases, que não fazem sentido no texto do recorte considerado, para elementos de enunciados dos recortes (2) e (4):

(2c.) Meu senhor, ou seja, nós queremos paz e não queremos guerra (?)

(4a.) Disso estai seguro que vós não perdeis nada, ou seja, Irmão (??)

Para o caso do funcionamento de *Meu Senhor* pode-se observar sua especificidade pelas paráfrases que seguem:

(2d.) Meu senhor, nós queremos paz e não queremos guerra

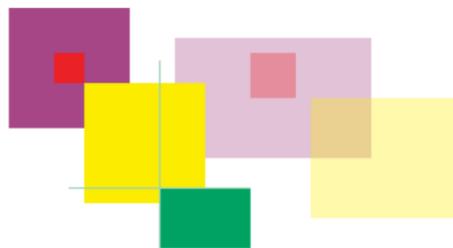
(2e.) Nós queremos, meu senhor, paz e não queremos guerra

(2f.) Nós queremos, meu senhor, paz e não queremos guerra

(4b.) Disso, Irmão, estais seguro que vós não perdeis nada

(4c.) Irmão, disso estais seguro que vós não perdeis nada

(4d.) Disso estais seguro que vós não perdeis nada, irmão.



Este aspecto mostra que estamos diante de um modo de articulação de elementos, *meu Senhor e irmão*, pela relação de contiguidade, e a relação entre *meu irmão Nogueira e Ferreiro de Jesus Cristo* que é um modo de retomada, uma reescrituração, que atribui sentido ao elemento reescriturado, tal como ocorre também no recorte (5).

- (5) Emtra logo ho Irmão Gonçalo Alvarez, tentado dos negros do Gato e de todos os outros e, meio desesperado de sua conversão, diga:” (NÓBREGA, Diálogo 1, p. 143). (Grifamos).

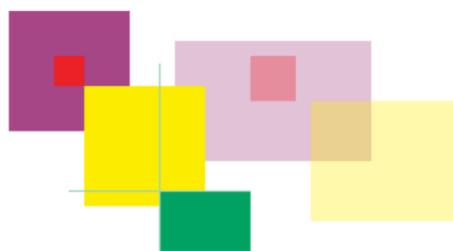
Esta introdução é seguida pelos dois recortes específicos abaixo:

- (5.1) Gonçalo Alvarez – Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras.(Idem, 2, p. 144)

- (5.2) Matheus Nogueira – Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se () adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada. (idem, 2, p. 144).

Este recorte traz uma relação entre *os negros do gato*, na fala de Alvarez, e *este gentio* na fala de Nogueira ao final do recorte. Trata-se de uma relação de reescrituração. A fala de Nogueira, ao tomar a questão de Alvarez, reescritura *negros do gato* por elipse. Desde o *se tiveram rei*, há a elipse de *estes*, ou *negros do gato*. Neste predicado, e nos subsequentes, o verbo está no plural, terceira pessoa, retomando, sem dúvida, o *estes* de Alvarez que reescritura *negros do gato*. No final da fala de Nogueira, há um outro movimento de reescrituração que se faz pela substituição de *negros do gato* por *gentio*. *Este gentio* reescritura *estes*, reescritura as elipses, reescritura *negros do gato*. E esta reescrituração movimenta a identificação daqueles sobre quem se fala. *Gentio*, no singular, reescritura *negros do gato* e, pela forma genérica de singular, é um nome para todos os indígenas, nomeados tanto por *negros do gato*, quanto por *índios*, assim se vê abaixo, no decorrer do texto (grifamos).

- (6) *Gonçalo Alvarez* – (...) Ouvistes já disputar entre os Irmãos ou falar nisto, em que praticamos da conversão destes *gentios*? (Idem 3, p. 149).



Gonçalo Alvarez – (...)Dizei-me, Irmão, por amor de N. Senhor, não há, entre meus Irmãos e Padres, quem este da parte destes *negros* (Idem, 5, p. 150).

Nugueira – E isso que aproveitaria se fossem *christãos* por força, e *gentios* na vida e nos costumes e vontade? (Idem, 6, p. 152).

Nugueira: – Porque até agora não tem os *índios* visto essa diferença entre os Padres e os outros *christãos*.

Gentio assim atribui sentido a *negros* do gato, tal como atribui também a *índios* no mesmo texto.

Temos reescrituração em (3) e (5) e articulação em (2). São dois modos de funcionamento que nos dão dois acessos aos sentidos produzidos pelo acontecimento. Estas relações, inclusive as articulações, não são simplesmente combinatórias, produzem significação em virtude do recorte do texto que vincula os elementos linguísticos e seu acontecimento. E nesta medida o recorte nos coloca diante dos sentidos próprios da temporalidade do acontecimento.

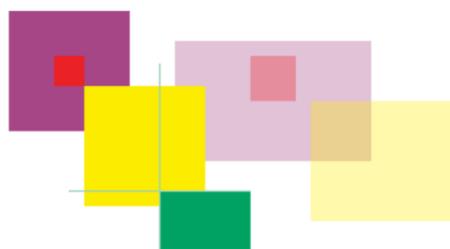
As relações de articulação são relações como relações de predicação, de determinação, de complementação, de argumentatividade, de pressuposição etc. Para melhor configurar o modo como tomo estas e outras questões que são relações de articulação observemos modos de articulação no recorte (7) abaixo e consideremos o modo de articulação que se apresenta nas formas de vocativo, tal como acima já consideramos.

(7) Em cada semana nos há de dar os dias de sexta fra e de Sábado para trabalharmos para nós (...); não nos hade obrigar a fazer camboas, *nem* amariscar (...); Faça huma barca grande para quando foi para Bahia nós metermos as nossas cargas para não pegarmos fretes; (...); Poderemos plantar *nosso* arros *onde* quisermos e em qualquer Brejo, sem que para isso peçamos licença, e poderemos cada hum tirar jacarandas ou qualquer pau sem darmos parte para isso.

Podemos considerar diferenças entre

(7.1) não nos hade obrigar a fazer camboas, *nem* amariscar

e

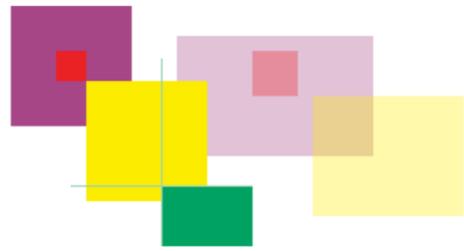


(7.2) Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos

Nos dois casos encontramos enunciados ligados a outros. Em (7.1) são dois enunciados que se articulam formando um terceiro enunciado. Em (7.2) há um enunciado que se liga a outro como parte dele. São as relações de coordenação e dependência que todos conhecemos e que são objeto de inúmeros trabalhos sobre suas especificidades. Uma diferença importante a considerar é que a relação de coordenação pode emparelhar enunciados formando um outro, complexo, ou pode emparelhar, na enumeração, por exemplo, formações nominais formando outra, complexa. Observemos um aspecto específico na relação de *Meu senhor* com o enunciado *queremos paz e não queremos guerra*. *Meu senhor* se articula a *queremos paz e não queremos guerra* por uma relação que chamo de *incidência*, diversamente da coordenação e da dependência. Trata-se de pensar que ela faz incidir sobre um elemento linguístico a enunciação de um outro elemento. No caso em questão, *Meu senhor* incide sobre o todo da carta do escravo. O *meu senhor* não é um elemento do enunciado *nós queremos paz e não queremos guerra*, e nem é da mesma natureza que este último para com ele coordenar-se. Neste caso, inclusive, consideramos que o vocativo é ele próprio um enunciado, tal como títulos de texto¹⁵. São enunciados que se formam por relações que não incluem predicados. O que os constitui é uma enunciação que os faz significar no todo do texto atendendo os requisitos da *consistência interna* e da *independência relativa*. O que caracteriza sua consistência interna são as relações próprias de formações nominais, e que são enunciadas como a constituição de um alocutário. E isto por si dá ao vocativo sua independência de outros enunciados, relativamente ao texto.

Um aspecto fundamental é que estas análises, como se vê, demandam que o processo de descrição nos leve à configuração das relações da cena enunciativa, de que vimos a centralidade para as análises dos enunciados acima. O que precisamos responder nas análises não é quais são as reescrituras ou articulações, simplesmente, mas como descrevê-las nos leva à análise, por exemplo, do que é a designação de um nome (por exemplo, *gentio*, *índio*, *negro*, *pajé*, *caráíba*), que relações argumentativas se constituem num texto específico; que pressupostos se constituem em tais e tais condições enunciativas. E

15 Sobre isso ver Guimarães (2018).



nestes casos sempre será necessário observar a constituição da cena e a relação dos lugares de enunciação.

Observemos uma relação de articulação específica que nos permite considerar o modo de constituição da cena:

(8) assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, *mas* quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis.

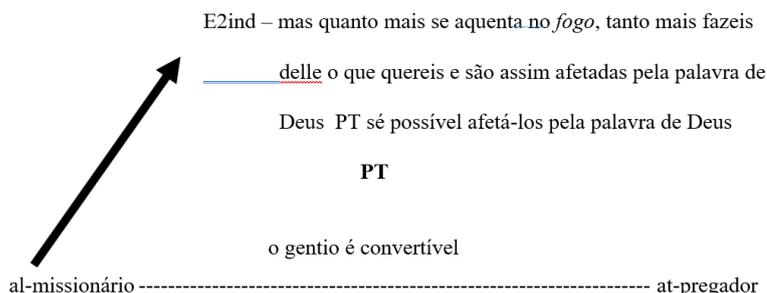
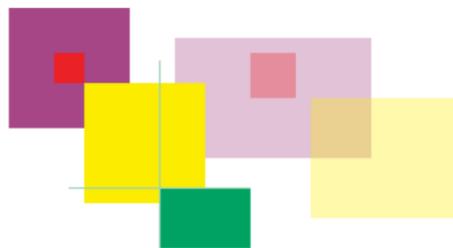
Que podemos parafrasear como segue, tendo em vista o texto em que se integra este recorte (*Diálogo da Conversão do Gentio*):

(8a) [como sabemos] assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, não são afetadas pela palavra de Deus.

-mas [eu digo que] quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis e são assim afetadas pela palavra de Deus.

Mesmo que não dando atenção mais específica a aspectos importantes aqui, podemos considerar as seguintes relações na cena enunciativa, que mostram como a enunciação de um alocutor-x apresenta e assim sustenta uma argumentação para uma conclusão, aludindo a outra argumentação preterida e à qual se opõe. O *como sabemos* e o *eu digo que*, em (8a), sugerem de um lado um enunciador genérico (Egco) e de outro um enunciador individual (Eind).

As relações argumentativas constituem a sustentação de um enunciador individual, quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis e são assim afetadas pela palavra de Deus **PT** o gentio é convertível, e o fazem opondo-se a uma outra enunciação de um Enunciador-gco. São relações de alocação internas ao texto, às cenas, que a temporalidade do acontecimento faz significar. Para representar isso retomo o resultado de uma análise feita em Guimarães (2021)



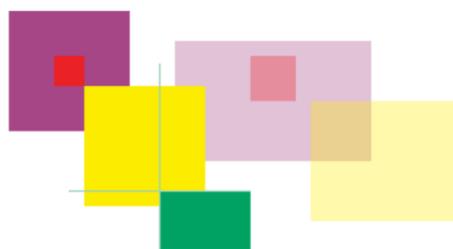
Nesta representação a seta espessa se lê *apresenta* a linha cortada se lê *se contrapõe argumentativamente*, e PT marca uma argumentação diretiva.

Conclusão

O percurso feito, a partir da posição da semântica da enunciação, que considera a historicidade como própria do funcionamento da língua, se caracteriza por tratar a enunciação como um acontecimento, em um certo espaço de enunciação, que agencia os falantes a enunciar de certos lugares de enunciação, a cena enunciativa. E isto leva à constituição de conceitos e categorias, como articulação e reescrituração, capazes de produzir análises, tais como as que usamos como exemplificação, consequentes nesta posição.

Referências bibliográficas

- ALVES FILHO, I. **Brasil, 500 Anos em Documentos**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- ANCHIETA, J. “Informação do Brasil e de suas Capitanias”. In *Cartas, Informações, Fragmentos, Histórias e Sermões*. Civilização Brasileira, 1933 (1584).
- BACHELARD, G. **O Novo Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968 (1934).
- BALLY, Ch. **Linguistique Générale et Linguistique Française**. Francke Berne, 1965 (1932).
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. Campinas: Pontes, 1992 (1897).
- CUNHA, A.G. **Dicionário Histórico das Palavras de Origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos/UnB, 1978. 357 p.
- DEULEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs, Vol. 2**. Rio de Janeiro: 34, 1997 (1980).
- DUCROT, O. “**Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação**”. In *Dizer e não Dizer*. Campinas: Pontes, 1984.



- HANSEN, J. A. **Manuel da Nóbrega**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Massanguana, 2010.
- GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**. Campinas: Pontes, 1987.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. “**Domínio Semântica de Determinação**”. In *A Palavra. Forma e Sentido*, Campinas: Pontes/RG, 2007.
- GUIMARÃES, E. “**Enumeração: Funcionamento enunciativo e Sentido**”. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 51 (1), DL-IEL, Unicamp, 2009.
- GUIMARÃES, E. “**Espaço de Enunciação, Cena Enunciativa, Designação**”. *Fragmentum*, 40. Santa Maria: UFSM, 2014.
- GUIMARÃES, E. **Semântica: Enunciação e Sentido**. Campinas: Pontes, 2018.
- GUIMARÃES, E. “**Designar e Argumentar. Em torno de uma Divisão “Intransponível”**”, no. 25. Porto Alegre: UFRGS, 2021.
- ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**. Campinas: Pontes, 2001 (1983).
- ORLANDI, E. P. **Terra à Vista**. São Paulo: Cortez / Editora da Unicamp, 1990.
- RANCIÈRE, J. **O Desentendimento**. Rio de Janeiro: 34, 1996 (1995).

Data de submissão: 23/12/2022

Data de aceite: 06/06/2023